

A FICÇÃO DA VERDADE NAS ASTRONÔMICAS DE MANÍLIO¹

Marcelo Vieira Fernandes

Universidade de São Paulo

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0649-4761>

mvfernandes@usp.br

RESUMO

O problema do tratamento poético aplicado à exposição de matérias técnicas é tema rapidamente abordado em algumas tradições críticas antigas e, por vezes, no interior do próprio discurso de certos poetas didáticos. É o caso de Manílio, que em suas *Astronômicas* nos apresenta como *mestre* uma *persona doctoris* para quem a ornamentação poética do enunciado técnico representa, conflituosamente, uma impossibilidade material, uma dificuldade métrica e uma necessidade didática. Mas, sendo ainda uma forma sofisticada de prazer para o *poeta*, a exposição metrificada de objetos matemáticos mais complexos da astrologia, que o seduzem de modo particular, é ocasião para o exercício de certas variações poéticas que às vezes o levam, inadvertidamente, à confecção de lições tecnicamente incorretas. Para tratar desses pontos, faço aqui, então, uma rápida introdução a algumas das questões acerca da poesia didática antiga e à própria leitura do poema de Manílio (em geral pouco conhecido entre os estudantes brasileiros de letras clássicas), com a exposição de alguns passos importantes de sua reflexão metapoética e a rápida ilustração de um de seus erros técnicos.

Palavras-chave: Manílio; *Astronômicas*; poesia didática; astrologia; ficção poética.

ABSTRACT

The poetic treatment of technical matters is a topic quickly discussed in some ancient critical traditions and, sometimes, within the very discourse of a few didactic poets. This is the case of Manilius, who in his *Astronomica* presents us as a *master* a *persona doctoris* for whom the poetic ornamentation of the technical matter represents, conflictuously, a material impossibility, a metrical difficulty, and a didactic need. Besides, being a sophisticated form of pleasure for the *poet*, the metrical exposition of the more complex mathematical objects of astrology, which seduce him in a particular way, is an occasion for putting into practice certain poetic variations

¹ Texto resultante de apresentação no “Primeiro Ciclo de Palestras do Grupo ‘Tradução e Estudo da Literatura Técnica e Didática Romana’” (de 19 a 20 de abril de 2022), organizado por Matheus Trevizam e Bernardo Lins Brandão (FALE-UFMG). As traduções presentes neste texto (e em suas notas) são do próprio autor; as traduções dos excertos de Manílio, em particular, constituem versão modificada e revista de seu próprio texto (FERNANDES, 2006) e são parte de sua tradução integral das *Astronômicas*, a ser publicada em breve.

that sometimes lead him, inadvertently, to produce technically incorrect lessons. To address these points, I here present a brief introduction to some of the questions about ancient didactic poetry and to the reading of Manilius' poem (generally little known among Brazilian students of Classics), together with an exposition of some important excerpts of his metapoetic output and an illustration of one of his technical errors.

Keywords: Manilius; *Astronomica*; didactic poetry; astrology; poetic fiction.

INTRODUÇÃO

Um breve confronto de algumas ideias antigas acerca do que usualmente chamamos de poesia didática mostra como a prática da exposição poética de matérias “prosaicas” já foi capaz não só de suscitar opiniões diversas, e mesmo contrárias, como ainda de testar os próprios limites da recepção de poesia. O discurso em geral expositivo, amimético e não ficcional desse gênero parece tender a impeli-lo para junto da fronteira com a prosa técnica e, no limite, para fora mesmo do domínio da poesia. Essa tensão, se se mostra resolvida no interior do discurso crítico, quando este assume um ponto de vista, às vezes também aparece, explicitamente ou como subtexto, no interior do próprio discurso poético, quando este confessa ou atesta suas dificuldades no trato de matérias demasiado técnicas ou obscuras. A delicada relação entre a ornamentação poética e a correção técnica do enunciado é uma dessas dificuldades. Sua resolução, porém, nem sempre se faz sem algum prejuízo, quer para a beleza do enfeite, quer para a *verdade* da matéria.

A MATÉRIA VERDADEIRA DA ASTROLOGIA

Há certa tradição crítica e exegética antiga para a qual a ausência de mito e de algum nível de “ficção” numa composição versificada seria razão bastante para excluí-la do domínio próprio da poesia. Como se sabe, Aristóteles diz nada haver de “comum entre Homero e Empédocles senão o metro” (cf. Arist. *Po.* 1447b.17-18: οὐδὲν δὲ κοινόν ἐστιν Ὀμήρω καὶ Ἐμπεδοκλεῖ πλὴν τὸ μέτρον),² de tal modo que por “hábito” é que se dá o nome de “poetas” (cf. 1447b.17: οὕτω καλεῖν εἰώθασιν, “assim se habituaram a chamar”) àqueles que “exponham” (cf. 1447b.17: ἐκφέρωσιν), por exemplo, matéria médica ou física em verso (cf. 1447b.16-17: ἂν ἰατρικὸν ἢ φυσικὸν τι διὰ τῶν μέτρων); poder-se-ia dizer, então, que são “poetas”, mas não em virtude da mimese (cf.

² Apesar disso, no contexto de seu *Περὶ ποιητῶν*, Aristóteles consideraria Empédocles “homérico”, descrevendo-o como δεινὸς περὶ τὴν φράσιν, “habilidoso na expressão” e μεταφορικός, “hábil nas metáforas”, e como tendo escrito, além de tragédias, uma *Ξέρξου διάβασις* (“Passagem de Xerxes”) e um *προοίμιον εἰς Ἀπόλλωνα* (“Proêmio a Apolo”): cf. fr. 70 Rose (Diog. Laert. 8.57).

1447b.14-15: οὐχ ὡς κατὰ τὴν μίμησιν).³ Plutarco, por sua vez, chama os ἔπη de Empédocles e Parmênides, as *Teríacas* de Nicandro e as *Gnomologias* de Teógnis de simples λόγοι “que emprestam da poética o metro e a elevação como um carro para fugir do prosaico” (cf. Plut. *Quomodo adul.* 16c.13 – 16d.1 : κιχράμενοι παρὰ ποιητικῆς ὥσπερ ὄχημα τὸ μέτρον καὶ τὸν ὄγκον, ἵνα τὸ πεζὸν διαφύγῳσιν); seu entendimento, ademais, é de que não há *poesia* “sem mito e sem mentira” (cf. 16c.10: οὐκ ἴσμεν δ’ ἄμυθον οὐδ’ ἄψευδῆ ποίησιν).⁴

³ Cf. Halliwell, 1987, p. 71-2: “It must at once be said (...) that ‘imitation’ is now the least adequate (though still a regrettably common) translation of ‘mimesis’. Our difficulties in understanding this concept arise in part from the fact that Ar. nowhere offers a definition of it (...). One important aspect of Ar.’s understanding of mimesis can be gathered from the distinction which he draws in this opening chapter [sc. da *Poética*] between Homer and Empedocles. Negatively, this distinction belongs to the insistence that metre is not a sufficient (or even a necessary) condition for poetry. (...) But Ar. is also making a positive point, by citing Empedocles’ verse writings to represent the use of language for directly *affirmative* purposes — any use of language, that is, which purports to offer true statements or propositions about some aspect of reality. The further fact that Empedocles’ ‘natural philosophy’ fails to satisfy Ar.’s requirement (...) that poetry should deal with human action, is perhaps less important than this basic separation of mimetic (representational) from non-mimetic (affirmative) types of discourse. Without providing a definitive criterion by which this distinction could be applied, Ar. implies what can best be described as the *fictional* status of works of mimesis: their concern with images, representations, simulations or enactments of human life, rather than with direct claims or arguments about reality. This implicit recognition (or perhaps assumption) of the fictional standing of mimetic works will appear again at certain critical junctures of the *Poetics* (esp. chs. 9 and 25).” (“Deve-se dizer de uma vez [...] que ‘imitação’ é agora a tradução menos adequada (embora ainda lamentavelmente comum) de ‘mimesis’. Nossas dificuldades em entender esse conceito decorrem em parte do fato de que Aristóteles em nenhum lugar oferece uma definição dele [...]. Um aspecto importante do entendimento de Aristóteles acerca da mimese pode ser deduzido a partir da distinção que ele traça nesse capítulo de abertura [sc. da *Poética*] entre Homero e Empédocles. Negativamente, essa distinção diz respeito à insistência de que o metro não é uma condição suficiente (ou mesmo necessária) para a poesia. [...] Mas Aristóteles está também fazendo uma afirmação, citando os escritos em verso de Empédocles para representar o uso da linguagem para propósitos diretamente *afirmativos* — qualquer uso da linguagem, vale dizer, que pretenda oferecer declarações ou proposições verdadeiras sobre algum aspecto da realidade. O fato adicional de que a ‘filosofia natural’ de Empédocles não satisfaz a exigência de Aristóteles [...] de que a poesia deve lidar com a ação humana é talvez menos importante do que essa separação básica entre tipos de discurso miméticos (representacionais) e não miméticos (afirmativos). Sem oferecer um critério definitivo segundo o qual essa distinção possa ser aplicada, Aristóteles implica o que pode ser mais bem descrito como a condição *ficcional* das obras de mimese: o interesse delas por imagens, representações, simulações ou encenações da vida humana, em vez da preocupação com afirmações ou argumentos diretos sobre a realidade. Esse implícito reconhecimento (ou talvez pressuposição) da condição ficcional das obras miméticas aparecerá novamente em certos momentos críticos da *Poética* (esp. capítulos 9 e 25).”).

⁴ Cf. Plut. *Quomodo adul.* 16c.9 – 16d.1: Θυσίας μὲν γὰρ ἀχόρους καὶ ἀναύλους ἴσμεν, οὐκ ἴσμεν δ’ ἄμυθον οὐδ’ ἄψευδῆ ποίησιν. τὰ δ’ Ἐμπεδοκλέους ἔπη καὶ Παρμενίδου καὶ

Há, por outro lado, entendimento diverso, expresso no interior de outra tradição, nomeadamente a do *Tractatus Coislinianus*.⁵ nele se fala não apenas de poesia “mimética” (cf. *Tract. Coisl.* 2.1: μιμητική), em seus gêneros “narrativo” (cf. 2.2: ἀπαγγελτικόν) e “dramático e prático” (cf. 2.3: δραματικὸν καὶ πρακτικόν), senão também de poesia “amimética” (cf. 1.1: ἀμίμητος); esta compreenderia, por sua vez, a poesia “histórica” (cf. 1.2: ἱστορική) e a poesia “pedêutica” (cf. 1.3: παιδευτική); e esta, finalmente, dividir-se-ia em duas espécies: uma de natureza “teorética” (cf. 1.5: θεωρητική), outra de natureza “instrutiva” (cf. 1.4: ὑφηγητική). Já entre os gramáticos que escreveram em latim, Diomedes inclui, em sua definição da “poética”, além da natureza métrica da composição (cf. *Gr. Lat.* I 473.15-16 Keil), a qualidade “ficta” ou “verdadeira” (*fictae ueraeue*) da *narratio*, bem como sua orientação para o fim da “utilidade” e do “deleite” (*ad utilitatem uoluptatemque*); assim, entre as espécies do *genus enarratiuum uel enuntiatium* ou *exegeticon uel apangelticon* (cf. 482.15-16), está justamente aquela chamada de *didascalice* (cf. 482.31), exemplificada com a *philosophia* de Empédocles e de Lucrécio, com as *Geórgicas* de Virgílio e, finalmente, com a *astrologia* dos *Fenômenos* de Arato e de Cícero (cf. 483.1-3).

Ora, como quer que diferentes tradições antigas entendam o “gênero” (ou a “espécie”) daquilo que nos habituamos a chamar de “poesia didática”,⁶ resta ainda, e sobretudo, o dado fundamental da experiência concreta dos próprios poetas “didáticos” (a de Hesíodo, Arato, Nicandro, Lucrécio, Virgílio e tantos outros): uma experiência extensa, variada e não coibida, em princípio, pelo discurso teórico e crítico acerca dos limites da poesia e das matérias “propriamente” poéticas.

θηριακὰ Νικάνδρου καὶ γνωμολογίαι Θεόγνιδος λόγοι εἰσὶ κιχράμενοι παρὰ ποιητικῆς ὥσπερ ὄχημα τὸ μέτρον καὶ τὸν ὄγκον, ἵνα τὸ πεζὸν διαφύγῳσιν (“Pois sacrifícios sem dança e sem flauta conhecemos; não conhecemos, porém, poesia sem mito e sem mentira. Os versos de Empédocles e os de Parmênides, as *Teríacas* de Nicandro e as *Gnomologias* de Teógnis são composições que emprestam da poética o metro e a elevação como carro para que fujam ao prosaico”).

⁵ Descoberto num códice do século X (*codex Coislinianus* 120; cf. VAHLEN, 1885, p. 77-80; KAIBEL, 1899, p. 50-3; JANKO, 1984), o *Tractatus* é considerado o epítome de uma obra peripatética do período helenístico que trataria essencialmente de comédia (cf. JANKO, 1984, p. 43). Para um resumo dos problemas de datação do texto e para o exame da ousada hipótese de Janko (1984, p. 52-90), segundo a qual o subtítulo do *Tractatus* seria justamente o livro perdido da *Poética* de Aristóteles (em que pese a dificuldade de conciliar o conceito de uma *ποίησις ἀμίμητος*, “poesia amimética”, com o pensamento deste sobre a natureza da poesia), cf. Volk, 2002, p. 30-2.

⁶ Dentre os estudos da poesia didática como gênero poético, destaco aqui: Pöhlmann, 1973; Effe, 1977; Toohey, 1996; Dalzell, 1996; Fowler, 2000; Volk, 2002, 2009, p. 174-215; Gale (ed.), 2004; cf. também Perutelli, 1991, p. 51 e 2004, e Parroni, 2004.

Assim, a *astrologia*, em particular, também é mencionada, num dos escólios ao §1 da gramática de Dionísio Trácio, como o tipo de matéria que, a exemplo da física de Empédocles, não faz *poetas* aqueles que dela tratam em composições metrificadas: οὐκ ἔστι ποιητῆς ὁ μέτρῳ μόνῳ χρώμενος· οὐδὲ γὰρ Ἐμπεδοκλῆς ὁ τὰ φυσικὰ γράψας, οὐδ' οἱ περὶ ἀστρολογίας εἰπόντες, οὐδὲ ὁ Πύθιος ἐμμέτρως χρησιμῶδῶν (*Gr. Gr.* I 3, 166, 13-15 Hilgard, ap. PÖHLMANN, 1973, p. 820), “não é poeta aquele que se vale apenas do metro; pois nem (sc. é poeta) Empédocles ao ter escrito obra física, nem aqueles que falam sobre astrologia, nem o sacerdote de Apolo a profetizar metricamente”.⁷

Mas é, por outro lado, também a astrologia (e o que entenderíamos ainda por “astronomia”) a matéria que concretamente se faz objeto poético de eleição não apenas dos poetas mencionados por Diomedes (cf. *supra*), como ainda de Manílio (*fl.* I d.C.), de que aqui se trata especialmente. A escolha desse objeto lhe suscita, em certos passos mais técnicos de seu poema, alguns momentos especiais de reflexão metapoética, que muito interessam a quem procure *no interior do próprio discurso poético* o discurso teórico e crítico acerca da poesia didática e, em particular, acerca da exposição feita em poesia de matérias usualmente tratadas em prosa.

A MATÉRIA VERDADEIRA DAS ASTRONÔMICAS

O poeta das *Astronômicas*, ou antes, a *persona doctoris*⁸ que Manílio constrói como o mestre de seu poema vem a ser um *vate* (cf. Man. 1.23: *uatem*) que se mostra particularmente consciente dos problemas que a *verdade* técnica de sua matéria astrológica impõe à confecção de sua poesia. Essa *persona* recusa uma série de gêneros poéticos que poderíamos, com alguma licença, chamar de “miméticos”, associados que são, em boa parte, ao fictício do mito trágico ou ao deleitoso das gestas épicas (cf. *infra*), e aceita, por outro lado, um gênero que poderíamos aqui entender como “amimético”, praticando assim uma poesia “instrutiva” dedicada ao ensinamento de matérias, por vezes,

⁷ Cf. Pöhlmann, ib.: “Na exigência de que a poesia deve conter um elemento de irrealidade (*ein Element des Unwirklichen*) seja no μῦθος seja no πλάσμα, os escólios a Dionísio aproximam-se de Plutarco. Como este, aqueles eliminam da poesia o poema didático (*das Lehrgedicht*)”.

⁸ Para usar aqui da expressão de Sérvio em seu comentário às *Geórgicas* de Virgílio; cf. *In Verg. Georg. Comm. Praef.* 26-9: *et hi libri didascalici sunt, unde necesse est, ut ad aliquem scribantur; nam praeceptum et doctoris et discipuli personam requirit: unde ad Maecenatem scribit sicut Hesiodus ad Persen, Lucretius ad Memmium* (“e tais livros [sc. das *Geórgicas*] são didascálicos, daí a necessidade de que para alguém sejam escritos, pois o preceito requer a pessoa do mestre e do discípulo; daí que [sc. Virgílio] para Mecenas escreve, assim como Hesíodo para Perses, Lucrécio para Mêmio”).

extremamente áridas, intrincadas e, no entendimento dessa própria *persona*, avessas não só ao fictício como também ao deleitoso da poesia, por assim dizer, “convencional”.

Assim, em sua tópica *recusatio*,⁹ diz o poeta:

*non ego in excidium caeli nascentia bella,
fulminis et flammis partus in matre sepultos,
non coniuratos reges Troiaque cadente
Hectora uenalem cineri Priamumque ferentem,
Colchida nec referam uendentem regna parentis
et lacerum fratrem stupro, segetesque uirorum
taurorumque trucidis flammis uigilemque draconem
et reduces annos auroque incendia facta
et male conceptos partus peiusque necatos;
non annosa canam Messenes bella nocentis,
septenosue duces ereptaque fulmine flammis
moenia Thebarum et uictam quia uicerat urbem,
germanosue patris referam matrisque nepotes,
natorumue epulas conuersaque sidera retro
ereptumque diem, nec Persica bella profundo
indicta et magna pontum sub classe latentem
immissumque fretum terris, iter aequoris undis;
non regis magni spatium maiore canenda
quam sunt acta loquar. Romanae gentis origo,
quotque duces urbis tot bella atque otia, et omnis
in populi unius leges ut cesserit orbis,
differtur. (3.5-26)¹⁰*

Não cantarei eu as guerras geradas para a destruição do céu e os filhos na mãe sepultados pelas chamas do raio;¹¹ nem os conjurados reis e, na queda de Troia, Heitor resgatado para sua pira e Príamo a levá-lo;¹² nem a mulher da Cólquida,¹³ a vender a seu ilícito amor o reino do pai e o irmão mutilado, e as searas de guerreiros, as chamas sanhudas dos touros, o dragão alerta, a mocidade restituída, os incêndios pelo ouro acesos e os filhos desgraçadamente concebidos e mais desgraçadamente mortos; não cantarei da culpada Messena as anosas guerras;¹⁴ ou os sete chefes e

⁹ Sobre a *recusatio* da épica e da tragédia nesse proêmio de Manílio, Landolfi (2003, p. 61-76) a compara às *recusationes* de outros poetas, especialmente Virgílio e Horácio: diferentemente destes, que se declaram impotentes diante da grandeza de tais gêneros, Manílio “desdenha” a matéria épica e trágica como inferior à matéria astrológica, escolhida por ele; daí que, em razão da grandeza e dificuldade de sua matéria, Manílio recusa também o emprego de um estilo claro, como preceituava a orientação poética de Horácio, então em voga à época de Manílio, adotando, em vez disso, um “stilo faticoso e duro” (p. 76).

¹⁰ Texto latino (aqui e nas demais citações): Goold, 1998.

¹¹ A guerra entre os deuses e os Gigantes, filhos da Terra: cf. Hesíodo, *Theog.* 664-735.

¹² A matéria da *Iliada*, de Homero.

¹³ Medeia.

¹⁴ Provável referência à guerra entre Messena e Esparta, no fim do séc. VII a.C., cantada, segundo Pausânias (4.6.1), por Riano de Creta (III a.C.): cf. Housman, 1916, p. 2.

as muralhas de Tebas, salvas das chamas por um raio, essa mesma cidade que, por haver vencido, veio a ser vencida;¹⁵ nem mostrarei irmãos do próprio pai e netos da própria mãe;¹⁶ ou filhos servidos como comida, e os astros voltando-se para trás, levando embora o dia;¹⁷ nem a guerra pérsica ao pélagos declarada,¹⁸ o oceano escondido sob imensa frota, o canal lançado à terra e a passagem nas ondas do mar;¹⁹ não direi as conquistas do grande rei, realizadas em tempo menor do que será preciso para cantá-las.²⁰ A origem da gente romana, seus períodos de guerra e de paz que foram tantos quantos os chefes da cidade, e como o mundo inteiro se submeteu às leis de um único povo,²¹ isso é tema que dispenso.²²

Ora, é já na própria recusa de tais matérias que o poeta nos deixa entrever o quão poeticamente sedutoras e “especiosas” (cf. 3.29: *speciosis [...] rebus*; cf. *infra*) elas lhe parecem. É fato que, no conjunto delas, encontramos alusões à matéria de uma épica que se poderia dizer “verdadeira” (cf. 3.14; 19b-26) (ou, nos termos do *Tract. Coisl.*, de uma poesia “amimética histórica”: cf. *supra*); nesse ponto, porém, mais relevante que a “verdade” da matéria histórica parece ser o apelo da *beleza épica*, vale dizer, da *gratia* poética (cf. *infra*) dessa “verdade”; valorizam-se, pois, aspectos como a grandiosidade, a longa duração e a imponência dos casos: a demorada guerra dos messênios (cf. 3.14: *annosa*); a enorme empresa de Xerxes, que fez o mar “desaparecer” “sob vasta frota” (cf. 3.19b-21; 20: *magna pontum sub classe latentem*); os cometimentos de Alexandre o Grande, só “cantáveis num espaço de tempo maior do que aquele em que se realizaram” (cf. 3.22-3: *spatio maiore canenda / quam sunt acta*); e as gestas de Roma, em sua sucessão “de tantos momentos de guerra e de paz quantos os chefes que teve” (cf. 3.24: *quotque duces urbis tot bella atque otia*), e em suas leis, às quais o “mundo todo” (3.24-5: *omnis / [...] orbis*) se submeteu.

Já quanto às matérias próprias do mítico e do fabuloso, características (ao menos em princípio) da poesia trágica e da épica “não-histórica”, o

¹⁵ Referência à guerra dos Sete contra Tebas, que foi salva das chamas quando Capaneu, que a ameaçava, foi atingido por um raio, como explica Escalígero (ap. HOUSMAN, ib.): *fulminato Capaneu uindicata est Thebanorum urbs a flammis, quas ille minabatur Thebis* (“fulminado Capaneu, a cidade dos tebanos foi salva das chamas com que ele ameaçava Tebas”); anos depois, Tebas foi conquistada pelos filhos e sucessores dos Sete, os epígonos.

¹⁶ Os filhos de Édipo, netos de Jocasta.

¹⁷ Os filhos de Tiestes, mortos por Atreu e servidos a ele.

¹⁸ A guerra movida por Xerxes, rei dos persas, contra os gregos.

¹⁹ Feitos de Xerxes durante a expedição contra Atenas em 480 a.C.: cf. Heródoto 7.22-4, 33-6.

²⁰ Alexandre o Grande.

²¹ Provável alusão aos *Anais* de Ênio, como epopeia nacional dedicada à fundação de Roma e à história de seus reis e cônsules.

²² Sigo a interpretação de Housman (1916, p. 3): *‘differtur’, omittitur, ut Hor. Carm. IV 4 21 ‘quaerere distuli’* (“*differtur*, ‘deixa-se de lado’, como em *Hor. Carm. 4.4.21: quaerere distuli*, ‘deixe de procurar’”).

poeta as refere atentando, em geral, para seu aspecto “espetacular” e nota, particularmente: o brilhante e grandioso da guerra dos Gigantes (cf. 3.5-6: *in excidium caeli nascentia bella, / fulminis et flammis partus in matre sepultos*, “para a ruína do céu as guerras a nascerem, / e do raio pelas chamas os filhos na mãe sepultos”) e da guerra dos Sete contra Tebas (cf. 3.15-16: *erepta fulmine flammis / moenia Thebarum*, “salvas das chamas pelo raio / as muralhas de Tebas”); o patético e comovente do resgate do cadáver de Heitor pelo pai (cf. 3.8: *Hectora uenalem cineri Priamumque ferentem*, “Heitor resgatado para seu funeral e Príamo a levá-lo”); o odioso, admirável e monstruoso na história de Medeia, “a vender o reino de seu pai” Eeta e o “dilacerado irmão” Absirto em nome do amor por Jasão (3.9-10: *uendentem regna parentis / et lacerum fratrem*), e, dessa fábula, ainda, as “searas de homens”, as “chamas ameaçadoras dos touros”, o “vigilante dragão” (cf. 3.10-11), o rejuvenescimento de Éson, pai de Jasão (cf. 3.12), os “incêndios pelo ouro acesos” (cf. 3.12), e de Medeia os “filhos desgraçadamente concebidos e mais desgraçadamente mortos” (cf. 3.13: *male conceptos partus peiusque necatos*); o insólito e abominável da história de Édipo, pai de seus próprios irmãos em seu casamento com Jocasta, sua mãe (cf. 3.17: *germanos [...] patris [...] matrisque nepotes*, “irmãos do pai [...] e netos da mãe”); e, por fim, o atroz e repulsivo do banquete preparado por Atreu com a carne dos filhos de Tiestes (cf. 3.18-19: *natorum [...] epulas conuersaque sidera retro / ereptumque diem*, “o banquete feito com os filhos e os astros a voltarem-se para trás, / e o dia levado embora”).

Parte, enfim, do caráter “especioso”, “brilhante” ou sedutor dessas matérias poéticas (sobretudo no caso da poesia trágica e da épica “não histórica”) parece advir da natureza “monstruosa” ou “admirável” das *ações* que as compõem, que o poeta aqui refere como que paralisadas numa representação pictórica de seu instante mais notável: cf. 3.5: *bella (...)* *nascentia*; 6: *partus (...)* *sepultos*; 7: *coniuratos reges Troiaque cadente*; 8: *Priamum (...)* *ferentem*; 9: *Colchida (...)* *uendentem*; 18: *conuersa (...)* *sidera retro*; 19: *ereptum (...)* *diem*; 20: *pontum (...)* *latentem*.

É, assim, a beleza “própria” de tais matérias, já brilhantes em seu estado “bruto” e comparáveis ao ouro e ao marfim, que “facilita” a tarefa de poetas que as elegem como objeto de seus poemas:

*Facile est uentis dare uela secundis
fecundumque solum uarias agitare per artes
auroque atque ebori decus addere, cum rudis ipsa
materies niteat. speciosis condere rebus
carmina uulgatum est, opus et componere simplex. (3.26-30)*

É fácil fazer-se à vela com os ventos a favor, um solo fecundo trabalhar com técnicas variadas, e ao ouro e ao marfim acrescentar beleza, quando em si mesma a matéria

bruta já tem brilho. Escrever poemas sobre assuntos atraentes é prática comum, bem como compor uma obra não complexa.

Não é, todavia, de matéria “em si mesma” brilhante ou sedutora, nem tampouco de *ações*, admiráveis ou monstruosas, que se ocupa a *persona doctoris* das *Astronômicas*.²³ Seu objeto, como se sabe, são os “sagrados saberes estrangeiros” (cf. 1.6: *hospita sacra*) da astrologia,²⁴ cuja natureza técnica lhe impõe tal desafio que sua tarefa, nesse caso, chega mesmo a ser uma forma de “luta” com a matéria:

*At mihi per numeros ignotaque nomina rerum
temporaque et uarios casus momentaque mundi
signorumque uices partesque in partibus ipsis
luctandum est.* (3.31-4)

Mas eu com números tenho de lutar e inauditos nomes de coisas, com as estações, as variadas contingências e movimentos do céu, a sucessão dos signos e as divisões nas próprias divisões deles.

A verdade do céu e dos astros, segundo o poeta, está ao alcance da capacidade humana de compreensão (cf. 2.115-25; 4.886-97); ainda assim, sua complexidade é tal que poucos são os que de fato alcançam compreendê-la, sendo estes “uma minoria no mundo” (cf. 2.136-44; 44: *minima est quae turba per orbem*). Com efeito, se é possível dizer que “em muitos modos a natureza dispôs a verdade” (cf. 2.723: *pluribus in [...] modis uerum natura locauit*), não deixa o poeta de advertir que a mesma natureza “está envolta em profundas trevas” (cf. 4.303: *altis natura manet consaepta tenebris*) e que a mesma verdade está escondida “num grande emaranhado” (cf. 4.304: *et uerum in caeco est multaue ambagine rerum*).

²³ Isso não impede, porém, que o poeta se estenda mais longamente na exposição das ações de uma história, quase ao fim de suas *Astronômicas* (como, aliás, faz Virgílio ao fim de suas *Geórgicas*, ao narrar o episódio de Aristeu: cf. *G.* 4.315-558), ao narrar o mito de Perseu e Andrômeda (cf. 5.540-618): é a ocasião para que o poeta realize uma verdadeira exibição de virtuosismo poético, em que se destacam o senso dos contrastes (cf. 5.544; 550; 571-2; 592), o patético (cf. 5.543; 558-60; 563-4; 577), a apóstrofe dramática (cf. 5.587-92), o uso do suspense (cf. 5.579-81; 605-7), as amplificações (cf. 5.581-6; 603-4; 608-11), a ação espetacular (cf. 5.592-611), o erotismo sutil (cf. 5.572-3; 614-5) e o estilo pictórico (cf. 5.553-7). Sobre as *fabulae* celestes em Manílio, bem como sobre suas fontes, cf. Moeller, 1901, p. 1-25, Domenicucci, 1993; Abry, 1993, p. 192-3; e Salemmé, 2000, p. 75-104.

²⁴ Tratada nos cinco livros de seu poema segundo a partição das artes astrológicas antigas em seu estudo “puro” (i.e. sem o tratamento da influência dos planetas), como explica Escalígero (1655, p. 20; 99-100; 184; 273; 333-4): (a) a parte *sobre o céu* (περὶ οὐρανοῦ), chamada *meteorológica* (μετεωρολογική) (livro 1) e (b) a parte *produtiva* ou *eficiente* (ποιητική), bipartida em (b.1) um membro *descritivo* ou *tabular* (τὸ πινακικόν) (livros 2 e 3) e (b.2) e outro *decretório* ou *apotelesmático* (τὸ ἀποτελεσματικόν) (livros 4 e 5).

A escuridão dessa “caligem” (cf. 4.309: *caligo*) não há de ser penetrada pelos olhos, mas pela inteligência (cf. 4.308: *non oculis, [...] sed mente*); os olhos, afinal, podem ser enganados pelo espetáculo *especioso* da imagem (cf. 4.306: *fallit imago*), ao passo que a inteligência humana é de natureza divina (cf. 4.893-5: *quid mirum, noscere mundum / si possunt homines, quibus est et mundus in ipsis / exemplumque dei quisque est in imagine parua?*, “Por que há de surpreender que os homens possam conhecer o céu, se neles próprios está o céu e se cada um deles é a imagem do divino em tamanho reduzido?”) e nos habilita, nessa qualidade, a lidar com a sinuosidade do percurso e com as complicações da matéria (cf. 4.394: *uia flexus rerumque catenas*), permitindo-nos, finalmente, conhecer a verdade divina “em seu íntimo” e não apenas em seu “aspecto exterior” (cf. 4.309: *penitus [...] deus, non fronte notandus*).

Comparável, porém, à dificuldade de conhecer os objetos técnicos da verdade astrológica, o que já é muita coisa (cf. 3.34: *quae nosse nimis*), é a dificuldade de exprimi-los dentro das injunções do metro e da poesia:

(...) *quae nosse nimis, quid, dicere quantum est?
carmine quid proprio? pedibus quid iungere certis?* (3.34-5)

Se saber essas coisas já é muito, o que será então exprimi-las? E em poesia adequada?
E submetê-las a um metro fixo?

O poeta se aventura, pois, a tratar sua matéria não em prosa (cf. 1.24: *soluta [...] uerba*), como fazem as artes astrológicas que provavelmente estudou ou compulsou,²⁵ mas em poesia (cf. 1.1: *Carmine*), e até se orgulha de sua tarefa (cf. 2.136-44) e com ela se compraz (cf. 1.13-19, esp.: 17-19: *scire iuuat [...] praecordia mundi, / quaque regat generetque suis animalia signis / cernere et in numerum Phoebos modulante referre*, “é um prazer conhecer [...] as entranhas do céu, / entender de que modo ele gera e governa com seus astros os seres vivos, / e, com a modulação de Febo, contar em verso”).

Ocorre que a relação entre a matéria técnica e sua expressão em poesia (cf. 1.20-4, esp. 22: *carminis et rerum*) não resulta em dificuldade apenas para o poeta, que se ocupa da exposição, mas ainda para seu leitor, a quem

²⁵ Que o poeta esteja a considerar e a versar ensinamentos técnicos de artes astrológicas é coisa que se depreende do modo mesmo como ele se refere à doutrina que está a transmitir: cf. 2.451: *artis*; 691: *artem*; 768: *artem*; 801: *artem*; 968: *artem*; 3.45: *arte*; 96: *artem*; 207: *artis*; 269: *artem*; 394: *artem*; 666: *artem*. Para a informação bibliográfica e cronológica sobre alguns dos principais textos dessas artes, ainda muito útil é a exposição (anterior aos esforços de organização dos volumes do *Catalogus Codicum Astrologorum Graecorum*) em Bouché-Leclercq, 1899, p. x-xx; cf. também Barton, 1994, p. 114-26. Sobre Manílio como leitor e tradutor dessas artes, cf. Abry, 1998, p. 321. Especialmente sobre a história da astrologia antiga, sempre valiosa é a monumental e já referida obra de Bouché-Leclercq (1899; cf. especialmente: p. 1-87, 543-627); cf. também: Hübner, 1983; Barton, 1994, p. 9-85; e Bottéro, 1996.

cabe a inteligência dessa exposição tão especial. Ora, dentro da *ficção* mestre-discípulo da poesia didática das *Astronômicas*, essa dificuldade se traduz, ainda, no risco para o bom sucesso do próprio ensinamento da arte astrológica, seja pela complexidade técnica da exposição de uma matéria “verdadeira”, seja pela eventual falta de *graça* na confecção poética dessa exposição.

Não basta, então, que a verdade seja verdade; dentro de certos limites, ela precisa ser também “especiosa”.

A ORNAMENTAÇÃO DA VERDADE

A dificuldade da matéria técnica leva o mestre a pedir a seu discípulo não apenas “atenção” à verdade do ensinamento, como ainda certa vênica para as limitações que essa verdade impõe à ornamentação poética:

*Huc ades, o quicumque meis aduertere coeptis
aurem oculosque potes, ueras et percipe uoces.
impendas animum; nec dulcia carmina quaeras:
ornari res ipsa negat contenta doceri.* (3.36-39)

Aproxima-te, ó quem quer que sejas que possas voltar os ouvidos e os olhos para minha empresa, e ouve as vozes da verdade. Presta atenção e não esperes doces carmes: a própria matéria recusa o ornato, satisfeita em ser ensinada.

O *vate* que “mostra” (cf. *infra*), por meio de “palavras verdadeiras” (cf. 3.37: *ueras [...] uoces*), os “sagrados saberes” da doutrina astrológica é o mesmo que expõe, também, na qualidade especial de *poeta* que *confecciona* a expressão metrificada de tal *exposição*, a consciência de que sua poesia poderá resultar não apenas difícil, mas ainda desprovida do agrado da ornamentação poética.

A licença que pede (cf. 3.38: *nec dulcia carmina quaeras*, “não esperes doces carmes”) vem justificada, aqui, pela natureza da “própria matéria”, que “recusa o ornato, satisfeita em ser ensinada” (cf. 3.39: *ornari res ipsa negat contenta doceri*). Noutros momentos, porém, a essa justificativa o poeta ainda acrescenta uma outra, que diz respeito, não à impossibilidade do ornamento, mas à própria licitude de sua aplicação à matéria sagrada que está a ensinar. Assim, antes de passar ao tratamento da doutrina das *partes damnandae*, a longa e repetitiva série de números correspondentes aos “graus perniciosos” dos signos (4.444-97), exemplo evidente de uma morosa exposição de “partes (sc. *os graus dos signos*) dentro das próprias partes (sc. *cada um dos signos do Zodíaco*)” (cf. 3.33: *partes [...] in partibus ipsis*), o poeta novamente adverte:

*hae mihi signandae proprio sunt carmine partes.
sed quis tot numeros totiens sub lege referre,*

*tot partes iterare queat, tot dicere summas,
perque paris causas faciem mutare loquendi?
<dum canimus uerum, non aspera ponere, ut illis>
incidimus, sic uerba piget; sed gratia derit,
in uanumque labor cedit quem despicit auris.
sed mihi per carmen fatalia iura ferenti
et sacros caeli motus ad iussa loquendum est,
nec fingenda datur, tantum monstranda figura.
ostendisse deum nimis est: dabit ipse sibimet
pondera. nec fas est uerbis splendescere mundum:
rebus erit maior. nec parua est gratia nostri
oris, si tantum poterit signare canenda. (4.430-42)*

Esses graus eu devo assinalar em poesia adequada. Mas quem seria capaz de submeter à lei do metro tantos números tantas vezes, tantos graus repetir, tantas somas dizer e no trato da mesma matéria variar a face da expressão? *Enquanto cantamos o que é verdadeiro, usar palavras desarmoniosas não é, conforme*²⁶ *as encontramos, razão para vergonha; mas faltará graça, e em vão se faz o esforço que o ouvido despreza. Ainda assim, ao expor em poesia as leis do fado e os sagrados movimentos do céu, devo exprimir-me conforme o que me é prescrito, sem permissão de forjar as formas, apenas de mostrá-las. Haver mostrado a divindade é já demais: seu peso ela mesma é que dará. Nem é admissível que das palavras o céu tome seu brilho: em sua realidade ele será maior. Nem será pequena a graça de nossa expressão, se a matéria, que merecia ser cantada, ela puder apenas assinalar.*

A exemplo de outras doutrinas, como a do número de anos de vida concedidos pelos signos (3.560-80) e pelos doze templos celestes (3.581-617), aquela das *partes damnandae* se compõe de matéria essencialmente numérica. A expressão dos números, em princípio, é dada a poucas variações; de fato, como argumenta o poeta, é matéria bem simplesmente *dada* (cf. 4.438: *datur*), que ao vate cumpre apenas “mostrar”, não “confeccionar” (cf. ib.: *nec fingenda datur, tantum monstranda figura*). Nesse caso, porém, o limite já não é visto como imposto apenas pela matéria em si mesma (cf. 3.39: *res ipsa*), mas sobretudo pela *autoridade divina* de que ela se investe dentro da ficção das *Astrônômicas*: aqui o mestre, cabe lembrar, é um vate que metrifica sua lição sob o estrépito circundante do céu (cf. 1.22-3: *certa cum lege canentem | mundus et immenso uatem circumstrepit orbe*, “em torno ao vate que canta dentro de medida fixa o céu com seu imenso orbe em volta estrondeia”), de onde seu canto “desce” (cf. 1.118-21: *caelo descendit carmen ab alto*, “do alto do céu desce o canto”);

²⁶ O trecho em itálico corresponde ao verso *<dum canimus uerum, non aspera ponere, ut illis>*, composto por Goold (1977) a partir da interpretação oferecida por Housman (1920, p. 50), em que se baseia, por fim, a tradução aqui apresentada: *non ‘piget’ quidem, dum uerum tradere properamus, ‘uerba sic’ ut cuique primum se offerenti ‘incidimus’ incondita ponere, ‘sed’ isto pacto ‘gratia derit’* (“não é razão para vergonha, enquanto cantamos o que é verdadeiro, usar palavras desarmoniosas, conforme as encontramos, mas desse modo faltará graça”).

sua expressão poética, portanto, deve se dar “conforme o que é prescrito” (cf. 4.437: *ad iussa loquendum est*).²⁷ Dentro de tais limites, já é “demais ter” o vate “exibido a divindade” (cf. 4.439: *ostendisse deum nimis est*), pois esta, e não aquele, é que dará a si mesma seu poder e autoridade (4.439-40: *dabit ipse sibimet / pondera*); mais do que isso, nem mesmo é lícito (cf. 4.440: *nec fas est*) fazer que o céu deva seu brilho às palavras que o exprimem (cf. *uerbis splendescere mundum*), porque este, do modo como realmente é, “será maior” (4.441: *rebus erit maior*) do que nos fará crer uma expressão poética a ele eventualmente aplicada. Com efeito, dentro da perspectiva essencialmente estoica das *Astronômicas* (cf. 1.474-531), o peso (cf. 4.440: *pondera*), o brilho (cf. ib.: *splendescere*) e a grandeza (cf. 4.441: *maior*) do *mundus* são atributos divinos, cabendo ao vate, inspirado “por divino sopro” (cf. 2.136: *diuino [...] flatu*), apenas “mostrá-los” a seu discípulo.

Por outro lado, sem a *graça* da expressão poética, a lição que o mestre expõe em verso corre o risco de ser frustrada. Ao dizer que “não é pequena a graça da expressão” (cf. 4.441-2: *nec parua est gratia [...] oris*) se esta for capaz de “ao menos assinalar” (cf. 4.442: *tantum [...] signare*) os números da matéria (i.e. os graus perniciosos dos signos), parece o poeta aqui reconhecer certa *graça* já na mera *habilidade* (cf. 4.432: *queat*; 442: *poterit*) de “referir” tais números em “poesia adequada”, em “pés fixos”, respeitando-se a “lei” do metro (cf. 4.430-1: *proprio [...] carmine [...] / sub lege referre*; 3.35: *carmine proprio [...] pedibus [...] certis*). Se isso, porém, é verdadeiro para seu próprio ponto de vista acerca do que vem a ser gracioso em poesia, não pode o poeta presumir que o seja igualmente para o de seu leitor, nem deve esperar o mestre que tal forma de *graça* seja suficiente para o sucesso de seu ensinamento. De fato, ele próprio reconhece que, num tratamento assim limitado à “exposição” e à “demonstração” (cf. 4.430: *signanda*; 431: *referre*; 438: *monstranda*; 439: *ostendisse*; 442: *signare*),²⁸ “faltarà graça” (cf. 4.434: *gratia derit*) e que “em vão se faz o esforço que o ouvido despreza” (cf. 4.435: *in uanum [...] labor cedit quem despicit auris*).²⁹

²⁷ Também sob a forma da “ordem” celeste, aliás, é que o poeta justifica sua excursão, no livro 5, para fora do domínio das constelações zodiacais: cf. 5-8-9: *me properare etiam mundus iubet omnia circum / sidera uectatum toto decurrere caelo* (“o firmamento me manda apressar o curso de minha descida pelo céu inteiro fazendo ainda o circuito de todas as constelações”).

²⁸ Cf. Arist. *Po.* 1447b.17: ἐκφέρωσιν, “exponham”; cf. *supra*.

²⁹ Cabe lembrar, a esse respeito, a imagem lucreciana do mel que se põe à borda da taça como meio para a administração do remédio amargo às crianças (cf. Lucr. 1.921-50 = 4.1-24): o poeta do *De rerum natura* se vale de tal comparação para referir-se ao *musaeus lepor*, a “graça das musas” (cf. 1.934: *musaeo [...] lepore*), ou seja, a “graça” da poesia, que se acrescenta à exposição de matérias “obscuras” (cf. 1.922: *obscura*; 933: *obscura de re*) e “novas” (cf. 1.928: *nouos [...] flores*), tornando assim mais “palatável” sua doutrina, da qual o “vulgo se afasta com horror” (cf. 1.944-5: *retro [...] / uolguis abhorret*).

Se não é possível, portanto, fugir de todo à *necessidade* de acrescentar *graça* à expressão metrificada da verdade celeste, resta ao poeta a tarefa de fazê-lo, como se disse, dentro dos limites impostos pela natureza *técnica e divina* da própria matéria. Um expediente importante, para esse fim, é a *variação* da elocução.³⁰ Mais precisamente, trata-se de “mudar a face da expressão” (cf. 4.433: *faciem mutare loquendi*) que se deve aplicar a casos numerosos ou ainda a casos repetidos da mesma matéria; ora, isso *é bem o que ocorre, por exemplo*, quando se tem de tratar tantas vezes (cf. 4.431: *totiens*) de tantos (cf. 4.431: *tot*; 432: *tot* [...] *tot*) casos (i.e. os graus perniciosos dos signos), e de tratar tantas vezes de casos iguais (cf. 4.433: *paris causas*, isto é, quando diferentes signos têm alguns graus perniciosos em comum).

É claro que a aplicação da variação poética não se restringe à expressão apenas de casos simples como os números (ou de qualquer outra *res* cuja expressão, por assim dizer, já tenha sido *dada* “pelo céu” ou, fora da ficção do poeta, pelas artes astrológicas que estudou:³¹ cf. *supra*), mas se aplica, também, a níveis mais amplos da exposição³² e a objetos mais complexos da matéria astrológica. Um desses objetos, em particular, são as operações matemáticas e os métodos de cálculo que o mestre ensina, especialmente no contexto de seu terceiro livro (cf. *infra*), certamente o mais complexo e de mais numerosas “complicações” (cf. 4.394: *rerum* [...] *catenas*) para seu discípulo.

No caso especialmente desse tipo de objeto, a tensão entre a tarefa de *expor* a verdade da matéria astrológica e a necessidade, a um só tempo didática e poética, de variadamente ornamentar essa mesma exposição não se resolve

³⁰ Não se está dizendo, pois, que o efeito de *gratia* se deva, em Manílio, apenas ao uso de variações da expressão; trata-se, apenas, de considerar tal efeito nos termos do contexto em que o poeta o insere (cf. 4.431-5). Quanto à relação que se observa, em geral, entre o expediente da variação e o efeito de *gratia*, cf. Quint. 8.3.52; 9.3.3-4, 4.43, 4.58-9; 11.3.44-6; a *gratia* também se deve ao uso de outros expedientes, como o tropo e as figuras em geral: cf. 9.1.2, 3.74, 3.80, ou a mistura do símile, da alegoria e da metáfora: cf. 8.6.49. No caso da poesia didática, cabe lembrar como Plutarco, antes de tratar dos ἔπη (dentre outros) de Nicandro (cf. Plut. *Quomodo adul.* 16c.11; *supra*), associa ao efeito da “graça” (16b.8: χάριτος) não só o “metro” (μέτρον) e o “volume” (ὄγκος) da poesia, mas ainda o “tropo” (16b.5: τρόπος), a “adequação da metáfora” (16b.6: εὐκαιρία μεταφορᾶς) e a “harmonia e composição” (16b.7: ἄρμονία καὶ σύνθεσις).

³¹ Como é o caso do vocabulário técnico (e estrangeiro) das doutrinas astrológicas: cf. 3.31: *ignota* [...] *nomina rerum*, “inauditos nomes de coisas”.

³² É o caso, novamente, da narração do mito de Perseu e Andrômeda (cf. *supra*, n. 23): nesse caso, a inserção do mito pode ser vista como meio de produzir variação no contexto do quinto livro do poema, em seu tratamento dos παρανατέλλοντα (5.32-709), isto é, a ascensão das constelações não zodiacais, como a de Andrômeda, relativamente à dos signos do zodíaco; particularmente sobre o episódio de Perseu e Andrômeda no poema, cf. Romano, 1980; Landolfi, 1993; Murgatroyd, 1994; sobre a inserção de epílios nos poemas didáticos, cf. Perutelli, 1991, p. 23.

sem certo prejuízo para a consistência da própria verdade. Como a seguir se ilustrará num rápido exemplo, já bem conhecido dos estudiosos de Manílio, o exercício da variação poética, aplicada como é a um mesmo objeto da doutrina, resulta na produção de dicções não apenas externamente variadas *na expressão*, mas ainda sub-repticiamente contrárias *no sentido*, o que equivale a dizer, obviamente, que resulta na produção da *contradição*.

A FICÇÃO DA VERDADE

Além do próprio Zodíaco, onde se dispõem os doze signos (cf. 1.256-74, 667-83), outros dois círculos têm especial importância na astrologia ensinada por Manílio, cada qual também dividido em doze partes: (1) o Dodecatropo (cf. 2.856-967), onde estão os doze templos celestes pelos quais transita a sequência das constelações zodiacais (2.959-60) em seus movimentos de subida e descida pelo céu, representados pelos quatro pontos cardeais — o *horoscopus*, que é o ponto de ascensão (ASC), o *medium caelum* (MC), o *occusus*, que é o ponto de descensão (DSC), e o *imum caelum* (IC) — e por mais oito intervalos distribuídos entre estes (cf. 2.841-55); e (2) o círculo das doze *operum sortes* (cf. 3.43-159), ou *athla* (cf. 3.162), onde a natureza colocou (cf. 3.47, 66, 70) “todo gênero de coisas, todos os labores, todos os trabalhos e ofícios, e todos os casos que na vida humana podiam acontecer” (cf. 3.67-9: *quodcumque genus rerum, quocumque labores / quaeque opera atque artes, quicumque per omnia casus / humana in uita poterant contingere*). Os doze signos do Zodíaco, conforme seus variados aspectos (trígono, tetragonal, hexagonal, etc.: cf. 2.270-432), relações (cf. 2.466-692) e divisões internas (cf. 2.693-737; 4.294-407), os doze templos celestes, conforme sua distribuição e suas tutelas particulares,³³ e as doze *sortes*, conforme sua atribuição a diferentes domínios da vida, têm todos sua influência específica sobre a natividade (para aquela dos signos, cf. 2.960-1 e 3.58-66; para a dos templos, cf. 2.856-63; para a das *sortes*, cf. 3.96-159).

Nesse sistema, é grande a importância do ponto cardinal de ascensão (ASC), o 1º templo do Dodecatropo, pois é da precisa determinação do *horoscopus*, o grau exato do signo que está a ascender no horizonte no momento de uma natividade, que depende não só a identificação dos demais signos que estão a passar no mesmo momento pelos demais pontos cardeais

³³ As “tutelas” (cf. 2.926, 935b: *tutela*) dos planetas e luminares sobre os templos: a tutela de Mercúrio sobre o 1º templo (cf. 2.939-47); a da Lua sobre o 3º (cf. 2.910-15); a de Saturno sobre o 4º; (cf. 2.929-35a); a de Marte (conforme conjectura de Goold: 1977, p. lviii-lix) sobre o 6º (cf. 2.877-9); a do Sol sobre o 9º (2.905-9); a de Vênus sobre o 10º (cf. 2.918-26); e a de Júpiter sobre o 11º (cf. 2.886-90).

e templos celestes, deles sofrendo a influência (cf. 2.860), como também a *ratio* para a localização do Lote da Fortuna (cf. 3.176-202); esta corresponde, por sua vez, no círculo do Zodíaco, à posição da 1ª das doze *operum sortes*, de que depende, finalmente, a distribuição sequencial dos demais *athla* entre os signos (cf. 3.160-202). Em suma, a localização do *horoscopus* — o mínimo *ponto* da eclíptica zodiacal que está em ascensão no instante em que ocorre o nascimento — é condição para a localização do Lote da Fortuna, que, por sua vez, é condição para a superposição dos doze *athla* ao círculo do Zodíaco. Um erro quanto a esse *minimum punctum* (cf. 3.215), e “ruem os fundamentos da arte” (cf. 3.207: *fundamenta ruunt artis*).

O mestre das *Astronômicas* deixa de lado algumas das dificuldades que tal operação de localização do *horoscopus* realmente importaria na prática, sobretudo em termos de precisão,³⁴ e brevemente expõe aquele que chama de “método usual”, ou “vulgar”, para esse fim:

*Nec me uulgatae rationis praeterit ordo,
quae binas tribuit signis surgentibus horas
et paribus spatiis aequalia digerit astra,
ut parte ex illa, qua Phoebi coeperit orbis,
discedat numerus summamque accomodet astris,
donec perueniat nascentis tempus ad ipsum,
atque, ubi substititit, signum dicatur oriri.* (3.218-24)

Não ignoro o cálculo do método usual, que duas horas atribui à ascensão de cada signo e distribui os astros como iguais em espaços iguais de tempo, de forma que o número de horas parte daquele ponto onde começa a órbita de Febo e acomoda seu total aos signos até que chegue ao instante exato do nascimento, e o signo onde houver parado é o que se diz que está em ascensão.

Trata-se, mais exatamente, de contar as horas decorridas desde o nascer do Sol até o instante do nascimento do indivíduo; como tal método atribui 2 horas ao levante de cada signo, converte-se em graus o montante de horas; uma vez que cada signo tem 30° (um duodécimo da circunferência do Zodíaco: cf. 2.696), 1 hora equivale, *por esse método*, a 15°; feita a conversão, atribuem-se os graus obtidos ao círculo zodiacal, partindo-se do ponto onde está o Sol e seguindo-se a ordem dos signos; o ponto em que a contagem se extinguir será considerado como o *horoscopus*. Eis como Escalígero (1655, p. 202) didaticamente exemplifica os passos dessa *ratio*:

³⁴ Como a que havia em precisar a hora e os minutos da natividade por meio dos diversos tipos de relógios, conforme argumentam, por exemplo, Sexto Empírico (*adversus Mathematicos* 5.55-72) e Ptolomeu (*Tetrabiblos* 3.3.1-3).

Locus Solis esto 13.25' Librae. Natus est aliquis de die, hora VII absoluta. Horarum numerus III signa cum semisse, hoc est, partes CV. Eas ego numero consequenter a 13.25' Librae. Numerus consistit in 28.25' Capricorni. Ita colligebant illi.

Suponha-se a localização do Sol no 13°25' de Libra. Uma pessoa nasceu de dia, completada a 7ª hora. O número de horas é de 3 signos e meio, isto é, 105°. Eu os conto em sequência a partir do 13°25' de Libra. A contagem acaba no 28°25' de Capricórnio. Assim é que eles calculavam.

Nos termos desse exemplo, ao fim da sétima hora natural (cf. 3.237-40), do nascer do Sol até o momento da natividade (cf. 3.223: *nascentis tempus ad ipsum*) terão ascendido 105° (= 7h x 15°, ou “três signos e meio”: 3,5 x 30°) do Zodíaco; estando o Sol, no dia dessa natividade, fazendo seu curso no 13°25' de Libra, a aplicação de 105° a partir desse grau (cf. 3.221: *parte ex illa*) *per signa sequentia* (i.e. Áries, Touro, etc.) terminará no 28°25' de Capricórnio; este será, portanto, o *horoscopus*, o grau a passar pelo ponto de ascensão (ASC) no momento da natividade, a partir do qual se determinará, finalmente, a posição dos demais pontos cardeais (MC, IC e DSC) relativamente ao Zodíaco:

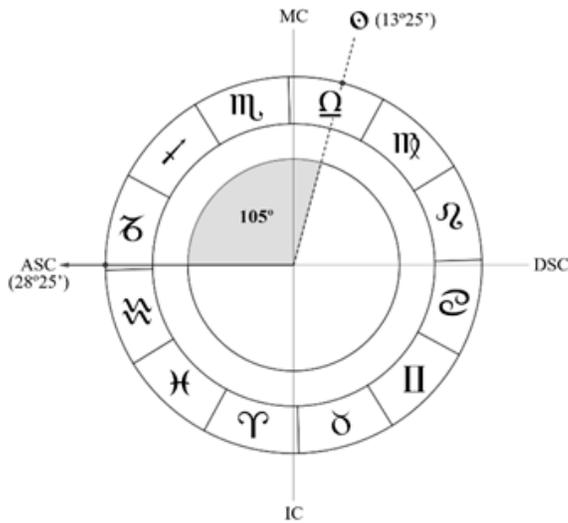


Figura 1

Ocorre, porém, que essa *ratio* se baseia numa premissa incorreta,³⁵ e é o próprio poeta quem já lhe aponta a incorreção (cf. 3.224-46). Em resumo,

³⁵ O mesmo Escalígero, aliás, assim conclui o exemplo, com sua costumeira mordacidade (ib.): *Ita colligebant illi. Neque alia Aerusicatorum illorum Chaldaeorum Horoscopi indagandi methodus erat* (“Assim é que eles calculavam. Nem era outro o método daqueles charlatões caldeus para descobrir o horóscopo”).

diferentemente do que pressupõe a *ratio uulgata*, os signos não empregam, cada qual, exatamente duas horas em seu levante, porque, em primeiro lugar, estão dispostos num círculo oblíquo (cf. 3.224) e, mostrando-se uns mais curvados, outros mais aprumados, formam ângulos diferentes em relação ao horizonte (cf. 3.225-8), o que os diferencia também quanto ao tempo de ascensão (cf. 3.229-37); em segundo lugar, porque a própria duração do dia apresenta variações ao longo do ano (cf. 3.238), de modo que o período de tempo percorrido por um duodécimo do Zodíaco, isto é, por um signo, também varia (cf. 3.240-2), pois, sendo variável a duração do dia, não varia, contudo, o número de seis signos que sempre haverá sobre e sob a terra (cf. 3.241-6). Como interroga o mestre, “em espaços de tempo tão desiguais e em medidas de dias e sombras tão variáveis, quem poderia acreditar que todos os signos fazem seu caminho para as alturas conforme uma lei celestial de igualdade? (cf. 3.235-7: *in tam dissimili spatio uariisque dierum / umbrarumque modis quis credere possit in auras / omnia signa pari mundi sub lege meare?*). Uma *ratio*, portanto, que atribui igualmente duas horas à ascensão de cada um dos signos (cf. 3.219: *quae binas tribuit signis surgentibus horas*) será ineficiente para o cálculo da posição do *horoscopus*.

O que faz o mestre, então, é a progressiva retificação do método (3.247-482), expondo diferentes *rationes* que permitem levar em conta a natureza variável dos tempos de ascensão dos signos na operação de localização do *horoscopus*. Assim, para lidar com as variações na duração do dia, ele ensina o uso de uma hora padrão, a hora equinocial (a duodécima parte da duração do dia no momento dos equinócios: cf. 3.251-5) (cf. 3.247-74); a partir dessa medida, calculam-se as variações, ora para mais, ora para menos, que acontecem na duração dos dias e das noites conforme as estações (cf. 3.256-70); com essa lição, o discípulo poderá entender como se produz uma tabela dos diferentes tempos de ascensão dos signos válida para uma latitude escolhida pelo mestre (cf. 3.275-300); finalmente, uma vez que uma mudança de latitude acarreta mudanças na inclinação do Zodíaco em relação ao círculo do horizonte e na duração dos dias e das noites (cf. 3.301-84), o mestre ainda se dedica a expor uma *ratio* geral para a determinação dos tempos de ascensão relativos a qualquer latitude considerada (cf. 3.385-442).³⁶

Com as lições dadas até aqui, já teria o *mestre*, em princípio, ensinado o que é necessário para a localização do *horoscopus* a partir dos tempos de ascensão variáveis dos signos. Mas ainda parece o *poeta* querer dar mostras de sua especial *habilidade* (cf. *supra*), pois, havendo já exposto as causas naturais das diferenças de duração do dia e da noite conforme a variação da

³⁶ Para um estudo aprofundado do enunciado poético dessas e de outras *rationes* mencionadas neste trabalho, cf. Fernandes, 2012, p. 140-218.

latitude (cf. 3.331-84), volta ele ao tratamento dessa matéria, expondo agora a *ratio* matemática que dá conta da gradação com que os meses inverniais aumentam a duração de seus dias até se tornarem meses estivais (cf. 3.443-82). Desnecessário para o cálculo do *horoscopus*,³⁷ o tratamento que Manílio aí dispensa à razão de progressão na duração do dia parece atestar, mais uma vez, o interesse do poeta pelo enunciado de uma *ratio* como um objeto poético “em si mesmo”, cuja difícil expressão metrificada ele se compraz em confeccionar.³⁸

É então que, aparentemente inspirado pelo mesmo interesse, o poeta retorna, uma última vez, à matéria do *horoscopus*, a fim de expor mais uma *ratio* matemática para sua localização:

*Illa etiam poterit nascens uia ducere ad astrum
quod quandoque uadis emissum redditur orbi.
nam quota sit lucis, si luce requiritur, hora
aspicies, atque hunc numerum reuocabis in ipsum
multiplicans decies, adiectis insuper eidem
quinque tamen summis, quia qualicumque sub hora
ter quinas mundi se tollunt sidera partes.
hic ubi constiterit numerus, coniungere et illas,
quae superent Phoebos partes per signa, memento.
ex hac tricenas summa per sidera partes
distribues, primamque uicem, quo Phoebus in astro
fulserit, inde alii, solem quaecumque sequentur.
tum quo subsistet numerus consumptus in astro
quae in parte suam summam nomenque relinquet
haec erit exoriens et pars et forma per ignes.*

*

*contineat partes. ubi summam feceris unam,
tricenas dabis ex illa per singula signa,
donec deficiat numerus; quaque ille sub astri
parte cadet, credas illam cum corpore natam
esse hominis pariterque orbem uidisse per umbras.
sic erit ipse tibi rapidis quaerendus in astris
natalis mundi certoque horoscopus ortu,
ut, cum exacta fides steterit sub cardine primo,
fallere non possint summi fastigia caeli,
non celeres obitus, stent fundamenta sub imo,
[stent ueri stellarum obitus uerique subortus]
sideraque in proprias uires sortesque recedant. (3.483-509)*

O método a seguir também poderá apontar o signo em ascensão, quando quer que este venha a despedir-se do oceano, sendo devolvido ao orbe. Verificarás que hora

³⁷ Como observa Housman (1916, p. xix) com certa ênfase.

³⁸ Diz Escalígero (*Prolegomena in M. Manilii Astronomica*, ap. 1655, p. 18): *nunquam scit desinere, in quo peccat, non iudicio, sed fertilitate, et indulgentia styli* (“[sc. Manílio] não sabe parar, no que erra não por juízo, mas por fertilidade e por complacência para com o estilo”).

é do dia, se é de dia que ele é procurado, e este número repetirás sobre ele mesmo multiplicando-o por dez, aditando-o a este produto, porém, mais cinco vezes,³⁹ já que, qualquer que seja a hora, os signos ascendem numa medida de três vezes cinco graus celestes. Quando esse número tiver sido determinado, lembra-te de juntar-lhe também aqueles graus que ficaram atrás de Febo em sua carreira pelo signo. Desse total distribuirás trinta graus a cada constelação, o primeiro lote ao astro em que Febo estiver brilhando, depois aos outros que vierem em seguida ao Sol. Então o signo em que o número se findar consumido, ou o grau em que ele abandonar seu total e seu nome, esse será o grau e a figura a ascender com o ardor de suas estrelas. [*Lacuna*.]... os graus contenha.⁴⁰ Quando tiveres determinado o total geral, darás trinta graus dele a cada signo, até que o número chegue ao fim; e qualquer que seja o grau do astro onde ele acabar, podes ter como certo que esse grau nasceu juntamente com o corpo do indivíduo, e que veio com o ardor de suas estrelas⁴¹ ao mesmo tempo que este ver o mundo. Esse é o modo como deves procurar entre os rápidos astros o ponto celeste que está a nascer, o horóscopo no momento preciso de sua ascensão, de maneira que, assegurando-se a exatidão quanto ao primeiro ponto cardeal, ao erro não te possam levar nem o topo elevado do céu nem os céleres ocasos, e fixas se mantenham as fundações no ponto mais baixo,⁴² podendo vir os signos para suas respectivas sortes e influências.

Trata-se, no caso do procedimento diurno,⁴³ de tomar a hora natural da natividade e multiplicá-la por 15; em seguida, deve-se adicionar a esse produto o número de graus que o Sol, em seu (aparente) curso mensal, já percorreu no signo em que está; finalmente, aplica-se o resultado ao longo do Zodíaco, a partir do início (cf. *infra*) do signo em que está o Sol, seguindo-se a ordem dos signos (Áries, Touro, etc.), atribuindo-se 30° a cada signo; onde a distribuição se encerrar, aí estará, *conforme esse método*, o grau correspondente ao *horoscopus* (ASC).

³⁹ Expressão estendida para dizer “multiplicar por 15”, como explica Housman (1916: 49): *qui numerum aliquem eidem numero deciens multiplicato quinquiens adicit, idem facit ac si quindecies multiplicasset* (“quem adiciona cinco vezes um número ao mesmo número dez vezes multiplicado, faz o mesmo que se tivesse multiplicado quinze vezes”): $(n \times 10) + (n \times 5) = n \times (10 + 5)$.

⁴⁰ Jacob (1846) aponta aqui uma lacuna, entre os versos 497 e 498, e argumenta que o passo perdido traria a exposição do procedimento noturno, uma vez que em 485-97 se tratou do procedimento diurno; assim ele sugere seu conteúdo (ap. HOUSMAN, 1916, p. xxi): *Si nocte requiritur horoscopus, nocturnam horam quindecies multiplica; huic numero adde summam partium quas Sol in signo suo iam percucurrit; item adice centum octoginta, ut computatio tua diurnas quoque ‘contineat partes’* (“Se de noite se procura o horóscopo, multiplica por quinze a hora noturna; a esse número acrescenta a soma dos graus que o Sol em seu signo já percorreu; igualmente acrescenta cento e oitenta [sc. graus], para que tua conta também os diurnos *graus contenha*”) (cf. 3.498: *contineat partes*); cf. também: Housman, *ib.*, p. 50.

⁴¹ A tradução se baseia aqui na lição geral *ignes*, e não em *umbras*, para 3.502, adotada por Goold (1998) (a partir de BAILEY, 1979, p. 165) e reproduzida no texto latino acima.

⁴² Na sequência [508]: “e se preservem os verdadeiros ocasos dos planetas e as verdadeiras ascensões”; cf. Housman, 1916, p. 51.

⁴³ Para o caso do procedimento noturno, cf. *supra*, n. 40.

Se a lição diz que o produto da multiplicação da hora natural (“hora inaequali”, diz Escalígero: cf. *infra*) por 15 deve ser distribuído ao longo do Zodíaco conforme a proporção de 30° para cada signo (cf. 3.492-3: *ex hac tricenas summa per sidera partes / distribues; 499: tricenas dabis ex illa per singula signa*), é porque se baseia na premissa de que tal produto possa corresponder diretamente a uma igual seção em graus do Zodíaco. Sobre o número 15, contudo, não se pode fixar que no espaço de 1 hora *natural* sempre ascendam 15° do *Zodíaco*; o que se pode dizer, em vez disso, é que no espaço de 1 hora *equinocial* ascendem 15° do *equador*.⁴⁴ Assim, ao dizer que no espaço de uma hora, “qualquer que seja a hora, os signos ascendem numa medida de três vezes cinco graus celestes” (cf. 3.488-9: *qualicumque sub hora / ter quinias mundi se tollunt sidera partes*), a lição dessa *ratio* permite deduzir que a cada hora, qualquer que seja ela, sempre ascendem 15° do Zodíaco, o que equivale a dizer que cada signo (ou cada segmento de 30° do Zodíaco) sempre leva duas horas para ascender.⁴⁵ Desse modo, o mestre assume aqui como verdadeira a premissa que acima, em sua refutação da *ratio uulgata* (cf. 3.218-24), havia recusado como falsa.⁴⁶ Eis como Escalígero (1655, p. 235) aproxima as duas *rationes* assim diferentemente expostas por Manílio:

Duas (...) methodos Horoscopi inuestigandi proposuit: illam, quam modo periclitati sumus, et hanc, quae omnibus illius aeu et retro mathematicis uel potius planis in usu fuit, estque ea, quam supra uulgarem uocauit: ‘Nec me uulgatae rationis pratererit ordo, Quae binas tribuit signis surgentibus horas’. Horas in gradus redactas a loco

⁴⁴ Com efeito, não se deve confundir a medida espacial do signo, sempre de 30°, ou seja, 1/12 dos 360° do círculo do Zodíaco, com a medida do tempo de sua ascensão, que pode ser dada em horas equinociais (cf. *supra*), em estádios, medida equivalente a meio grau do equador (cf. 3.275, 279, 282, 291 e 418-9) e diretamente em graus do próprio equador, vale dizer, em graus do círculo do equador que ascendem simultaneamente aos 30° do signo, *conforme a proporção indicada pela tabela de ascensões da latitude em questão*; no caso, por exemplo, da tabela versificada em 3.275-300, que o poeta crê como válida para o delta egípcio, seus números permitem concluir que os 30° de Áries ascendem com 20° do equador, os 30° de Touro com 24°, e assim por diante conforme os tempos seguintes da tabela para os demais signos; dito de outro modo, a ascensão de 20° do equador é o “tempo” que os 30° do signo de Áries levam para ascender nessa latitude; a ascensão de 24° do equador é o “tempo” que os 30° do signo de Touro levam para fazer o mesmo, e assim por diante.

⁴⁵ Nesse ponto interroga Escalígero (1655, p. 236): *At ubi sunt illae superiores censoriae notae in eos, qui binas horas signis orientibus tribuunt?* (“Mas onde estão aquelas notas de censura feitas anteriormente [sc. por Manílio] contra aqueles que atribuem duas horas à ascensão de cada signo?”).

⁴⁶ A sua reaparição, aqui, talvez se explique por um descuido ou desatenção do poeta no manuseio de diferentes fontes astrológicas: cf. Feraboli, 2001, p. lxiv; Housman, 1916, p. 48. Sobre a hipótese de serem espúrios os versos 3.483-509, cf. Brind’Amour, 1983; cf., porém, Goold, 1998, p. 75; Flores, 1993, p. 18-19, 2001, p. 54. Sobre os erros técnicos de Manílio como resultado de confusões existentes já em suas fontes, cf. Liuzzi, 1993: 7-8.

Solis computabant. Vbi desinebat numerus, ibi erat Horoscopus. Haec erat illorum aeruscatorum methodus.

Dois métodos para descobrir o horóscopo ele (sc. Manílio) propôs: aquele que há pouco experimentamos, e este, que estive em voga entre todos os astrólogos, ou melhor, entre os impostores desse tempo e de antes, e que é aquele que acima chamou de ‘usual’: ‘Não ignoro o cálculo do método usual, / que duas horas atribui à ascensão de cada signo’. Eles contavam as horas, reduzidas a graus, a partir da posição do Sol. O ponto onde a contagem terminava era o Horóscopo. Esse era o método desses charlatães.

Diferentemente, porém, da *ratio uulgata*, esse outro método não requer que se faça a contagem (do produto da multiplicação da hora por 15) precisamente *a partir do grau* onde está o Sol (cf. 3.221: *parte ex illa, qua Phoebi coeperit orbis*, “daquele grau onde começa a órbita de Febo”), mas simplesmente a partir do *signo*, isto é, a partir do começo do signo onde ele está, dando-se o primeiro grau da contagem “ao astro em que Febo estiver brilhando” (cf. 3.493-4: *primamque uicem, quo Phoebus in astro / fulserit*). Tal procedimento facilita a contagem, mas requer que se lhe acrescente o intervalo em graus (α) entre o início do signo e o grau exato deste onde se encontra o Sol (cf. 3.490-1: *coniungere et illas, / quae superent Phoebos partes per signa, memento*, “lembra-te de juntar-lhe também aqueles graus que ficaram atrás de Febo em sua carreira pelo signo”), como Escalígero (1655, p. 236) se lembra de fazer no exemplo que formula:

Esto homo natus, Sole XVI Tauri obtinente, hora VIII inaequali. Horis 8 in 15 ductis fiunt signa quatuor. Adde partes XV absolutas, quas perfecit Sol in Tauro, ut praecipit Manilius. Numero igitur a principio Tauri. Numerus desinit in XV Virginis, qui erit locus Horoscopi.

Suponha-se que o nascimento da pessoa se dê no momento em que o Sol passa a ocupar o 16º de Touro (sc. *tendo o Sol percorrido os primeiros 15º de Touro*), na 8ª hora desigual. As 8h multiplicadas por 15 correspondem a quatro signos. Acrescento os 15º completados, que o Sol percorreu em Touro, como preceitua Manílio. Conto, portanto, a partir do princípio de Touro. A contagem termina no 15º de Virgem, que será a posição do Horóscopo.

Substituindo-se apenas os números desse último exemplo (sc. posição do Sol no 16º de Touro e nascimento na 8ª hora) por aqueles do primeiro exemplo de Escalígero em sua explicação da *ratio uulgata* (sc. posição do Sol no 13º25’ de Libra e nascimento na 7ª hora; cf. *supra*), ilustrado na figura 1, é possível observar como o novo método produz o mesmo resultado que o anterior: assim, para uma natividade ocorrida ao fim da 7ª hora natural, estando o Sol, no dia dessa natividade, no 13º25’ de Libra, a nova *ratio* multiplicará 7 por 15 e obterá, igualmente, 105º; em seguida, acrescentará a esse número o intervalo (α) já percorrido pelo Sol, e aplicará o resultado (105º + α) a partir do *início*

do signo em que este se encontra, descobrindo o *horoscopus* (ASC) igualmente no 28°25' de Capricórnio, tal como também se concluiria por meio da *ratio uulgata*:

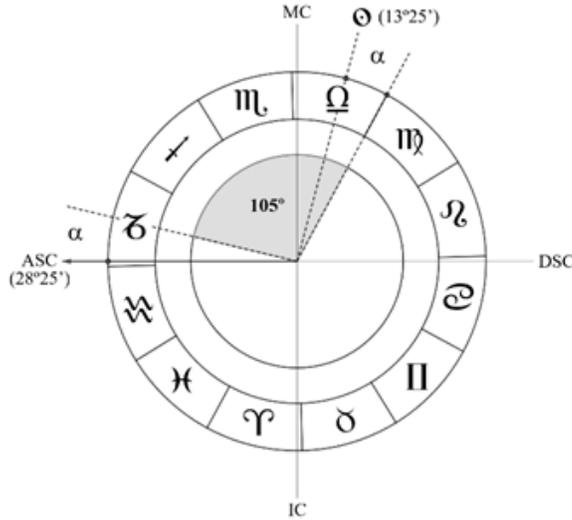


Figura 2

CONCLUSÃO

A verdade técnica da matéria astrológica, com seus nomes, números e razões matemáticas, pode parecer mais afeita a um tipo de discurso que a trate de modo *demonstrativo* (ou *expositivo*), e não “ficcional” (cf. lat. *fingo, fict-*; 4.438: *fingenda*), segundo em princípio se entenderia também no caso de qualquer outra matéria técnica normalmente tratada em prosa, como a medicina, a física e a agricultura. A *res* dos nomes, números e razões, assim como a dos remédios, fenômenos naturais e tipos de plantas, não pode ser simplesmente “forjada”, confeccionada, ou “inventada” por um discurso *didático* que se diz limitado a *mostrá-la* (cf. ib.: *monstranda*) como ela supostamente é “em sua realidade” (cf. 4.441: *rebus*).⁴⁷

Afirmando operar dentro de tais limites, o autor do discurso das *Astronômicas* colhe sua matéria técnica no repositório geral de um conjunto de *artes* astrológicas e confecciona, a partir delas, a *expressão* (cf. 4.440: *uerbis*) didática de sua exposição. Uma vez, porém, que se trata também de discurso

⁴⁷ O que talvez se pudesse dizer, com certa licença, no caso de um discurso *científico* que almeja *confeccionar*, ou construir, um novo saber acerca de tais matérias.

poético, o mesmo autor, alçado a *poeta*, se vê colocado dentro de um horizonte real de recepção em que usualmente se espera que ele vá “acrescentar beleza” (cf. 3.28: *decus addere*) a seu tratamento da matéria; de igual modo, dentro do horizonte *ficício* da docência poética, não menos esperada é a “graça” (cf. 4.434: *gratia*) no ensinamento do *mestre*, já que a sedução operada por esta é tida como capaz de atrair a atenção do discípulo para matérias menos brilhantes.

Mas a graça também é algo que seduz o próprio poeta. No discurso teórico que se pode ler no interior de seu próprio discurso poético, ele nos diz encontrá-la já na simples habilidade de expor metricamente a inflexível matéria técnica (cf. 4.441-2) com que tem de “lutar” (cf. 3.31-4). Em sua prática poética, a ostentação dessa habilidade — ou *ostentatio ingenii*, na expressão de Escalígero (1655, p. 416) — é algo com que ele se compraz (cf. 1.13-19). Certas vezes isso o leva, porém, durante o exercício de suas difíceis e prazerosas variações, a expor o que não é didaticamente necessário e, inadvertidamente, a ensinar o que não é tecnicamente correto.

É quando a imagem *especiosa* dos complexos objetos matemáticos da astrologia ao mesmo tempo fascina os olhos (cf. 4.308: *oculis*) do poeta e engana (cf. 4.306: *fallit imago*) a inteligência (cf. 4.308: *mente*) do mestre,⁴⁸ que assim toma por verdade o que aquele acha belo.

REFERÊNCIAS

- ABRY, J.-H. L'Astronomie à Rome: Les *Astronomiques* de Manilius. *Pallas*, Aix et Toulouse, n. 30, p. 49-61, 1983.
- ABRY, J.-H. Les *Anaphorai* des signes du zodiac dans les écrits astrologiques. In: ARGOUD, G.; GUILLAUMIN, J.-Y. (org.). *Sciences exactes et sciences appliquées à Alexandrie*. Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 1998, p. 305-324.
- BAILEY, D. R. S. The Loeb Manilius. *Classical Philology*, Chicago, vol. 74, p. 158-69, 1979.
- BARTON, T. *Ancient Astrology*. London: Routledge, 1994.

⁴⁸ É o engano, dir-se-ia, do “lobo em pele de cordeiro”, ou, mais literalmente, “disfarçado de gansa”, segundo a pitoresca descrição que Housman (1916: xxi) faz do equívoco do poeta acerca da segunda *ratio* para a localização do *horoscopus*: “Alas, alas! This alternative method of yours, my poor Marcus (sc. Manilius), is none other than the vulgar method which in 218-21 you said you knew, and which in 225-46 you exposed as false. The wolf, to whom in his proper shape you denied admittance, has come back disguised as your mother the goose, and her gosling has opened the door to him.” (“Ai, ai! Esse seu método alternativo, meu pobre Marco [sc. Manílio], não é outro senão o método vulgar que em 218-21 você disse que conhecia, e que em 225-46 você expôs como falso. O lobo, a quem em sua forma apropriada você negou a entrada, voltou disfarçado de sua mãe, a gansa, e seu ganso abriu a porta para ele.”). Como resume Escalígero (*Prolegomena in M. Manilii Astronomica*, ap. 1655, p. 2): *Nos scimus meliorem poetam, quam Mathematicum fuisse* (“Sabemos que [sc. Manílio] foi melhor poeta que matemático”).

- BOTTÉRO, J. L'Astrologie Mésopotamienne: l'Astrologie dans son plus vieil état. In: BAKHOUCHE, B.; MOREAU, A.; TURPIN, J.-C. (org.). *Les astres*. Tome I: *Les astres et les mythes, la description du ciel*. Tome II: *Les correspondances entre le ciel, la terre et l'homme, les "survivances" de l'astrologie antique*. Actes du Colloque International de Montpellier, 23-25 mars 1995. Montpellier: Presses de l'Imprimerie de l'Université Paul-Valéry Montpellier III, (t. II), 1996, p. 159-181.
- BOUCHÉ-LECLERCQ, A. *L'Astrologie grecque*. Paris: Leroux, 1899.
- BRIND'AMOUR, P. Manilius and the Computation of the Ascendant. *Classical Philology*, Chicago, vol. 78, p. 144-148, 1983.
- CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. (org.). *Lo spazio letterario di Roma Antica: vol. I – la produzione del testo*. Roma: Salerno, 2004.
- DALZELL, A. *The Criticism of Didactic Poetry: Essays on Lucretius, Virgil, and Ovid*. Toronto: University of Toronto Press, 1996.
- DOMENICUCCI, P. Il tema del catasterismo negli *Astronomica* di Manilio. In: LIUZZI, D. (org.). *Manilio fra poesia e scienza*. Atti del convegno – Lecce, 14-16 maggio 1992. Galatina: Congedo, 1993, p. 211-129.
- EFFE, B. *Dichtung und Lehre: Untersuchungen zur Typologie des antiken Lehrgedichts*. München: Beck, 1977.
- ESCALÍGERO, J. J. *M. Manilii Astronomicon*, a Iosepho Scaligero ex vetusto codice Gemblacensi infinitis mendis repurgatum. Eiusdem Iosephi Scaligeri notae, quibus auctoris prisca astrologia explicatur, castigationum caussae redduntur, portentosae transpositiones in eo auctore antiquitus commissae indicantur. Accesserunt quaedam Clarissimorum Virorum Thomae Renesi et Ismaelis Bullialdi animadversiones. Argentorati: Bockenhoffer (ed. póst. J. H. Boeclerus), 1655.
- FERABOLI, S.; FLORES, E.; SCARCIA, R. *Manilio, il poema degli astri (Astronomica)*. 2 vols. Milano: Mondadori, 2001.
- FERNANDES, M. V. *As faces da razão: instrução e mimese nas Astronômicas de Manílio*. 2012. 312 p. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.
- FERNANDES, M. V. *Manilio. Astronômicas, tradução, introdução e notas*. 2006. 292 p. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.
- FLORES, E. Aspetti della tradizione manoscritta e della ricostruzione testuale in Manilio. In: LIUZZI, D. (org.). *Manilio fra poesia e scienza*. Atti del convegno – Lecce, 14-16 maggio 1992. Galatina: Congedo, 1993, p. 9-19.
- FLORES, E. Testo critico. In: MANILIO. *Il poema degli astri*. Testo critico a cura di Enrico Flores, traduzione di Riccardo Scarcia, commento a cura di Simonetta Feraboli e Riccardo Scarcia. Milano: A. Mondadori: 2001, p. 8-186 (vol. I), p. 8-238 (vol. II).
- FOWLER, D. The Didactic Plot. In: DEPEW, M.; OBBINK, D. (org.). *Matrices of Genre: Authors, Canons, and Society*. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 2000, p. 205-219.
- GALE, M. (org.). *Latin Epic and Didactic Poetry*. Wales: The Classical Press of Wales, 2004.
- GOOLD, G. P. *M. Manilii Astronomica*, editio correctior editionis primae (MCMLXXXV). Stutgardiae et Lipsiae: Teubner, 1998.
- GOOLD, G. P. *Manilius: Astronomica*. With an English translation by G. P. Goold. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press/Heinemann, 1977.
- HALLIWELL, S. *The Poetics of Aristotle*. Translation and commentary by S. Halliwell. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1987.
- HOUSMAN, A. E. *M. Manilii Astronomicon Liber Quartus*. Recensuit et enarrauit A. E. Housman. Londini: Richards, 1920.

- HOUSMAN, A. E. *M. Manilii Astronomicon Liber Tertius*. Recensuit et enarrauit A. E. Housman. Londini: Richards, 1916.
- HÜBNER, W. L'Astrologie dans l'antiquité. *Pallas*, Aix et Toulouse, n. 30, p. 1-24, 1983.
- JACOB, F. *M. Manilii Astronomicon libri quinque*. Recensuit Fridericus Jacob. Berolini: Reimer, 1846.
- JANKO, R. *Aristotle on Comedy: Towards a Reconstruction of Poetics II*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1984.
- KAIBEL, G. *Comicorum graecorum fragmenta*, edidit Georgius Kaibel. Vol. I fasc. prior. Berolini: Weidmann, 1899.
- LANDOLFI, L. Andromeda: Intreccio di modelli e punti di vista in Manilio. *Giornale italiano di filologia*, Perugia, vol. 45, p. 171-94, 1993.
- LIUZZI, D. (org.). *Manilio fra poesia e scienza*. Atti del convegno – Lecce, 14-16 maggio 1992. Galatina: Congedo, 1993.
- MOELLER, J. *Studia Maniliana*, dissertatio inauguralis. Marpurgi/Lipsiae: Teubner, 1901.
- MURGATROYD, P. Narrative Techniques in Manilius, *Astronomica* 5,538-618. *Studies in Latin Literature and Roman History*, Bruxelles, vol. 7, p. 416-429, 1994.
- PARRONI, P. G. Scienza e produzione letteraria. In: CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. *Lo spazio letterario di Roma Antica: vol. I – la produzione del testo*. Roma: Salerno Editrice, 2004, p. 469-505.
- PERUTELLI, A. Epica e poesia didascalica. In: MONTANARI, F. (org.). *La poesia latina: forme, autori, problemi*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1991, p. 11-75.
- PERUTELLI, A. Il testo come maestro. In: CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. *Lo spazio letterario di Roma Antica: vol. I – la produzione del testo*. Roma: Salerno Editrice, 2004, p. 277-310.
- PÖHLMANN, E. Charakteristika des römischen Lehrgedichts. In: *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, I.3. New York/Berlin: De Gruyter, 1973, p. 813-901.
- ROMANO, E. Andromeda: L'epillio retorico (Manil. 5, 540-618). *Atti della Accademia di Scienze, Lettere e Arti di Palermo*, Palermo, vol. 38, n. 2, p. 213-235, 1980.
- SALEMME, C. *Introduzione agli Astronomicum di Manilio*. 2 ed. Napoli: Loffredo, 2000.
- TOOHEY, P. *Epic Lessons: an Introduction to Ancient Didactic Poetry*. London: Routledge, 1996.
- VAHLEN, I. *Aristotelis de arte poetica liber*, tertiis curis, recognovit et adnotatione critica auxit Iohannes Vahlen. Lipsiae: Hirzel, 1885.
- VOLK, K. *Manilius and his Intellectual Background*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- VOLK, K. *The Poetics of Latin Didactic: Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

Recebido: 18/8/2022

Aceito: 30/8/2022

Publicado: 5/9/2022